



ISSN 1234-5678

revista ecopolítica

ago - nov 2011



Élisée Reclus: torrente libertária

Jean Didier Vincent.

Élisée Reclus, géographe, anarchiste, écologiste. Paris: Robert Laffont, 2010, 426 páginas.

Beatriz Scigliano Carneiro

Pesquisadora no Nu-Sol/PUC-SP e no Projeto Temático FAPESP Ecopolítica. Publicou o livro *Relâmpagos com claror: Lygia Clark, Hélio Oiticica, vida como arte.* São Paulo: Imaginário/FAPESP, 2004.

“O passeante, que hoje percorre a esplêndida avenida Élisée Reclus que margeia o Campo de Marte [Paris], saberia quem foi o ilustre desconhecido de quem esta carrega o nome?” Esta questão, provocando o distraído caminhante de uma via de circulação, abre a extensa biografia de Élisée Reclus, escrita por Jean Didier Vincent, e que recebeu o prêmio Femina de melhor ensaio publicado em francês de 2010. Dizer que Reclus fora um “grande sábio, um visionário, o inventor de uma nova geografia e um escritor genial”, frases apressadas ditas como respostas possíveis, ainda não faz jus ao biografado, segundo Vincent. Muitos ignoram que, educado para ser um pastor como o pai, Reclus tornou-se ateu convicto; que,

enquanto militante libertário, foi preso, exilado e vigiado constantemente pelo Estado francês; que sua geografia não pode ser dissociada das práticas anarquistas de liberdade.

Após sua morte em 1905, a vasta obra geográfica de Élisée ficou esquecida por décadas, em favor de uma geografia desenvolvida na universidade francesa com Vidal de La Blanche, e mesmo de uma geografia de cunho militar, como a do alemão Ratzel. Seu nome deixou até de ser citado em compêndios e verbetes referentes ao tema. Nos círculos anarquistas, porém, Reclus permaneceu como uma referência libertária ao lado de Bakunin, Kropotkin, Proudhon, entre outros; suas obras políticas continuaram a ser difundidas.

Apenas nos anos 70 do século XX, seus estudos científicos foram gradualmente redescobertos pelas universidades na França, contribuindo com o surgimento de novos métodos, conceitos e temas geográficos. No início do século XXI, a obra de Reclus, tanto a científica quanto a política, tem sido recuperada para a ecologia.

No século XIX, Reclus divulgou na França o livro *Man and Nature* (1864) e se correspondeu com seu autor, o estadunidense George Marsh, atuante na conservação da natureza. Marsh escreveu sobre os efeitos da ação humana no meio natural, e suas propostas de proteção da natureza não enfatizavam a preservação de santuários selvagens, mas uma utilização cuidadosa dos recursos naturais disponíveis para a vida humana, com a qual concordava Reclus.

Nas palavras de Vincent: “Devido ao caráter inovador e muito atual da geografia de Reclus, é possível fazer dele um dos ‘pais’ da ecologia moderna. Esta, atualmente muito difusa, para não dizer confusa no plano epistemológico, teria interesse em se aproximar da geografia científica e libertária de Reclus” (p. 17). A geografia reclusiana caracteriza-se pela descrição da produção social do espaço e pela análise das relações entre as socieda-

des e o quadro físico e biológico em dimensões, simultaneamente, espaciais e temporais. A vida e a natureza coincidem, para além do orgânico, pelo movimento constante. Vulcões e terremotos resultam do movimento da crosta da terra e da pressão do magma no interior do planeta, hipótese ousada na época para a qual Reclus encontrava fundamento na observação das paisagens.

Apesar de compartilhar a ideia de evolução e progresso predominantes no século XIX, para Reclus: “Tudo muda, tudo se move na natureza em um movimento constante, mas se há progresso, pode haver também um recuo e se as evoluções tendem a um crescimento da vida, há outras que tendem para a morte” (p.16). Nestes ciclos de evolução ou regressão também poderiam ocorrer mudanças repentinas capazes de alterar a direção de uma linha evolutiva.

Todavia, Jean Didier Vincent não é ecologista, nem anarquista, nem geógrafo: é um médico neurobiologista com uma contribuição seminal para o desenvolvimento da neuroendocrinologia, estudo que liga os hormônios ao sistema nervoso. Foi professor na Universidade Paris XI, membro da Academia Nacional de Medicina e da Academia de Ciências,

e também diretor da Fundação para a Inovação Política — “um *think tank* liberal, progressista e europeu”, de orientação centro-direitista, ligado ao ex-presidente Jaques Chirac. Hoje, preside o Conselho dos Programas do Ministério da Educação Nacional. Publicou livros de divulgação científica da neurobiologia. Traduzidas para o português, há obras como *Biologia das paixões*, *A carne e o diabo*, *Viagem extraordinária ao centro do cérebro*, *A vida é uma fábula* e o ensaio *Casanova e o contágio do prazer*.

Uma biografia de Reclus não é um trabalho inédito, apesar da constatação inicial do esquecimento que recaiu sobre o geógrafo anarquista. Entre as fontes, além das obras do biografado e sua correspondência, Vincent também utilizou outras biografias: o livro escrito por Paul, filho de Elias, intitulado *Os irmãos Reclus*; o estudo de Roger Gonot, *Élisée Reclus, o profeta do ideal anarquista*, publicado em 1992, com apoio da cidade de Orthez; dois livros de Henriette Chardak, *Élisée Reclus, o homem que amava a terra* e *Élisée Reclus, um enciclopedista infernal*, lançados recentemente, e artigos de autores que recuperaram Reclus para o mundo acadêmico. Há um agra-

decimento especial a Helene Sarrazin por sua “incomparável biografia”, *Élisée Reclus e a paixão do mundo*, de 1985. Porque então o interesse de Jean Didier pelo geógrafo anarquista Élisée Reclus?

No prólogo, em poucas linhas, descreve-se a experiência de um menino que tira as roupas e se atira na torrente gelada de um rio; deixa-se levar pela correnteza, rolando junto com a terra arrastada pela água, e depois, ainda nu, seca-se ao sol. Veste-se e retorna para casa em silêncio. Nada comenta sobre essa secreta experiência com seu curioso irmão, Elias. O menino é Élisée, apresentado como alguém marcado pela experiência com dois elementos: água e terra. São cursos d’água, alagadiços, vales e montanhas; são elementos das paisagens que circundavam Reclus desde a infância, no sudoeste da França, e durante suas viagens. Em suas próprias palavras: “Parece-me que me tornei de fato parte do meio que me envolve, eu me sinto um com as ervas flutuantes, com o saibro movente sobre o fundo, com a correnteza que faz oscilar meu corpo... Todo esse mundo exterior é real?” (p. 151).

Na biografia, Reclus não aparece destacado de um cenário histórico e geográfico, mas imerso em um fluxo

em movimento, imbricado com o meio natural e social. Descrevem-se as vidas de muitas pessoas de seu círculo e até acontecimentos que ele não participou — como o massacre de 1º de maio de 1886, em Chicago —, mas que tiveram efeitos na França e no seu percurso. O texto conta com retratos vivos de uma rede de acontecimentos que se interligam, muitas vezes relatados com extensas citações de Reclus retiradas de seus livros, artigos e cartas, ou então, comentários de pessoas que conviveram com ele ou participaram desses eventos. Vincent explora a rede de relações do biografado, mesmo assim assinala em algumas passagens certa dificuldade em seguir seus encontros e deslocamentos.

A trajetória de Reclus se apresenta em três partes, do nascimento à morte, inspiradas em seu livro preferido, *História de um riacho*, em que um curso d'água conta com três fases: arroio, ribeirão e rio. A existência estende-se como um fluxo de um arroio que se torna ribeirão e, com a afluência de outros corpos d'água, cresce como um rio caudaloso, compondo paisagens em seu percurso até desaparecer no mar. Considerar a cronologia de uma vida tal qual um curso d'água, remete ao espaço em que este corre, às paisagens que

compõe, a um fluxo que permanece em movimento contínuo. O tempo ganha forma material e se espacializa.

Se Reclus ainda não é suficientemente conhecido em seu país natal, no Brasil, afora em circuitos anarquistas e em alguns nichos acadêmicos, ele hoje praticamente parece esquecido na poeira de seus volumes depositados nas seções de livros raros das bibliotecas. Entretanto, a *Geografia Universal* em francês fora item imprescindível de muitas bibliotecas da elite brasileira no século XIX. O próprio Reclus, esteve no Brasil em 1893, e foi homenageado na Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro. Vincent não chega a mencionar especificamente nenhuma visita ao Brasil, citando apenas uma genérica viagem à América do Sul, em 1893, para complementar pesquisas para os últimos volumes da *Geografia Universal* (p. 358).

Em 1900, a livraria Garnier publicou em requintado volume a tradução para o português de “Estados Unidos do Brasil”, um capítulo da *Geografia Universal* que se tornou referência para os geógrafos no país, entre eles, Euclides da Cunha. Os anarquistas brasileiros e portugueses passaram, simultaneamente, a publi-

car traduções e divulgar seus artigos políticos. Depois Reclus foi sendo esquecido, ainda mais do que na França.

Em função desse desconhecimento, — nem há avenidas Élisée Reclus no Brasil —, cabe aqui citar alguns pontos das três partes da biografia, de modo a trazer um esboço breve de quem foi. A primeira parte trata dos anos de formação, período similar

às nascentes dos cursos d'água que brotam das montanhas e se lançam inexoráveis em torrentes fortes e velozes pelos declives geomorfológicos. Élisée nasceu em 1830, na cidade de Sante-Foy-la-Grande, às margens do rio Dordogne, região da Aquitânia, filho de um pastor protestante. Seu pai esperava que dois de seus 14 filhos, Elias, o mais velho, e, três anos mais novo, fossem pastores. No entanto, desde muito jovens, ambos deixaram a religião e a crença em Deus. Os irmãos Élisée e Elias foram parceiros e companheiros a vida inteira, com alguns períodos de afastamento, mas sem nunca deixarem arrefecer a amizade que os unia além dos laços de sangue e das práticas libertárias.

Élisée passou alguns anos da infância com os avós maternos em La Roche Chalais, às margens do rio

Drone. Lá, dividia seu tempo entre a escola, a biblioteca do avô, passeios ao ar livre e banhos nos riachos. Na época, ao presenciar a matança de animais domésticos para servirem de refeição, decidiu tornar-se um vegetariano convicto e nunca mais comer cadáveres de animais. Seu irmão Elias o seguiu nessa decisão, mas admitia “comer carne socialmente”.

Os irmãos frequentaram uma escola protestante em Neuwied, às margens do rio Reno, na Alemanha e, a seguir, no ano de 1848, começaram a cursar a Faculdade de Teologia em Montbaun, uma escola da renovação protestante na França, de onde foram afastados por motivos políticos. A cidade de Montbaum tornara-se foco de agitação de trabalhadores e estudantes em um ano conturbado, e militantes esquerdistas de Paris frequentavam reuniões dos estudantes, dentre os quais estavam os irmãos Reclus.

Ainda estudantes, os irmãos realizaram uma caminhada a pé pelo centro sul da França em direção ao mar Mediterrâneo, o que muito marcou Élisée. Ao sair da faculdade de Montbaun, decidiu trabalhar como professor de geografia no antigo colégio que frequentou em Neuwied, e dali seguiu para Berlim para dar

continuidade aos estudos. Foi aluno e discípulo de Carl Ritter, um dos grandes geógrafos da Universidade de Berlim.

O golpe de estado de Luís Napoleão Bonaparte, presidente da República Francesa, em dezembro de 1851, visando restaurar o império e tornar-se monarca, revoltou grande parte da população e os republicanos se prepararam para lutar. Os irmãos Reclus tentaram montar um foco de resistência na pequena cidade de Orthez, onde residia a família. Perseguidos pela polícia política, fugiram para Londres e depois para a Irlanda. Após um período de trabalho nos campos irlandeses, Élisée viajou para América, onde ficou até 1857. Nesses anos, morou na Louisiana, região sul dos Estados Unidos, visitou Chicago, na época uma grande cidade com um milhão de habitantes, Panamá, Cuba e tentou implantar sem sucesso uma colônia agrícola na Colômbia. Durante sua estadia no continente americano, empenhou-se em descrever paisagens e tipos humanos, posteriormente usados em suas obras. Observou com interesse a mestiçagem e a convivência em um mesmo espaço entre pessoas de procedências diversas: negros, índios, europeus. Entretanto, na Louisiana, encontrou os mercados de

escravos, alimentando a prática que ele considerava um horror absoluto.

Com o fracasso de seu projeto de colonização em Serra Nevada, na Colômbia, e enfraquecido por doenças tropicais, Élisée decidiu voltar para a França, em 1857. Na segunda parte, o período em que viveu na França até ser exilado, em 1872, caracteriza-se como um riacho que recebe águas de outros arroios e prossegue o caminho com mais força tornando-se um ribeirão.

Reclus passou a escrever sistematicamente artigos científicos para revistas especializadas e, graças à qualidade de seus trabalhos, entrou para a Sociedade Geográfica Francesa, em 1858. A editora Hachette contratou-o, no início para a elaboração de guias turísticos, depois encomendou-lhe trabalhos de maior amplitude e publicou suas pesquisas, destacando-se dois trabalhos iniciais: *A Terra: descrição dos fenômenos da vida do globo e História de um riacho*.

Em Paris, reencontrou o irmão Elias, agora casado com a prima Noemi e com um filho, Paul. Os dois irmãos e respectivas famílias moraram juntos em Paris, até 1871, em residências suficientemente acolhedoras para receber amigos, militantes e promover reuniões políticas.

Ao visitar a família em Sainte Foy la Grande, Élisée casou-se apenas no civil com Clarice, uma amiga de infância, mestiça de francês europeu com uma senegalesa. No entanto, no começo de 1869, Clarice morreu dias depois do parto da terceira filha, que também não sobreviveu.

Nesse segundo período de sua vida, aproximou-se de grupos políticos de esquerda como os blanquistas; conheceu Proudhon e tornou-se amigo de Bakunin. Ao viajar para a Inglaterra reuniu-se frequentemente com associações operárias. Em 1868, durante o 2º Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, em Berna, Suíça, faz sua primeira declaração pública de adesão ao anarquismo. Em seu discurso destacou a luta para a destruição do Estado e pelos direitos e liberação das mulheres (a residência dos Reclus, em Paris, recebia também amigas e militantes feministas, como Louise Michel e Pauline Mink).

Em uma das viagens à Inglaterra, reencontrou Fanny Herminez, antiga aluna das aulas particulares de francês que ministrou durante sua fuga para Londres, em 1851. Adeptos da união livre entre os sexos, uniram-se sem formalidades, em 1870, data que coincidiu com a guerra entre França e Prússia.

Apesar de pacifista, para evitar a invasão de Paris pelos prussianos que se aproximavam, Reclus se alistou na Corporação de Balonistas, na qual estava seu amigo e fotógrafo Felix Nadar. Contudo, o governo francês de Thiers se submeteu a Bismarck, mediante um tratado de paz e permitiu a entrada do Exército prussiano na capital. Em 18 de março de 1871, data do início da Comuna de Paris, franceses de várias tendências políticas antigovernistas pegaram em armas e foram às ruas, ocupando diversos quarteirões da capital. O governo se transferiu para Versalhes. A Comuna foi sanguinariamente reprimida. Reclus foi preso com arma na mão na luta contra a polícia. Recusou um perdão que exigiria a renúncia de suas convicções e foi a julgamento. Recebeu a pena de deportação para Nova Caledônia, mas uma campanha internacional influenciou na comutação desta para banimento por 10 anos.

Em 1872, exilou-se na Suíça com a família; assim começa a terceira parte do livro, associada à força de rios caudalosos. Dois anos depois de uma vida tranquila em Ticino, Fanny morreu de infecção ao dar a luz, assim como a criança dias mais tarde. O desolado Reclus mudou-se para Vevey, cidade

às margens do lago Lemán. Continuou trabalhando na elaboração dos livros da *Nova Geografia Universal*, contratado pela Hachette, que continuava a lhe patrocinar viagens pelo mundo para a continuidade das pesquisas. A coleção *Nova Geografia Universal* permanecia um sucesso de vendas e Reclus era reconhecido mundialmente como um grande geógrafo.

Ao mesmo tempo, era um ativo militante anarquista, presente e atuante em encontros libertários importantes da Europa. O momento era de revoltas populares, protestos e atentados contra autoridades. A Suíça se tornara refúgio de militantes de esquerda procedentes de várias nações, alguns muito conhecidos pela atuação anarquista, como Bakunin e Kropotkin. O país estava repleto de espiões a serviço de Estados europeus.

Com o acirramento da repressão aos militantes de esquerda em todo mundo, as ações violentas por parte destes se espalharam. No anarquismo não há uma centralidade como ocorre em partidos, nos quais há um controle da conduta de seus integrantes; há anarquismos e ações anarquistas. O pacifismo de Reclus não o impedia de demonstrar admiração por atos violentos, como os de Ravachol. Não concordava com atos de vingança,

mas considerava que defender a liberdade não era violência.

Kropotkin, também anarquista e geógrafo, tornou-se seu amigo. Juntos, participaram de vários encontros políticos e escreveram textos em parceria. Ambos foram muitas vezes acusados pela polícia secreta de serem os “chefes” e organizadores dos anarquistas internacionais e incitadores de ações contra a ordem.

Em 1879, recusou a anistia que o governo francês lhe propôs e retornou à França apenas para visitas breves à família. Em 1894, mudou-se para a Bélgica, convidado a dar aulas na Universidade Livre que mantinha uma orientação liberal diversa da tendência católica predominante no país. No entanto, um atentado a bomba na França, feito pelo anarquista Vaillant, recolocou Reclus na lista dos suspeitos de cumplicidade com ações violentas. Seu curso foi então recusado. No entanto, outros intelectuais, de tendência socialista libertária, formaram uma Universidade Nova, em Bruxelas, e depois o Instituto de Altos Estudos, onde se tornou professor de Geografia. Os cursos não foram reconhecidos oficialmente pelo Estado belga, mas isso não impediu a afluência de estudantes, especialmente estrangeiros.

Morreu em julho de 1905, na casa de Florence de Brouckere, em Thorout, Bélgica. Acabara de publicar a obra *Vulcões e a Terra* e quase terminou sua obra derradeira: *o Homem e a Terra*. Em seus momentos finais, estava acompanhado de Florence, seu último amor.

Vincent procurou explorar a possibilidade de uma relação com o chamado *meio* com uma intensidade capaz de acarretar uma transformação radical de si próprio. O caso de Élisée Reclus demonstrava tal possibilidade. A autoridade paterna e a tradição huguenote da família e da região onde nasceu lhe impuseram uma concepção de mundo já pronta e um modelo a dar continuidade. No entanto, a experiência sensorial com os elementos água, terra e ar contribuiu para que este se afastasse de uma rígida concepção calvinista, a ponto de se desligar da expectativa familiar, da religião e da crença em Deus, vivenciando a liberdade. “Foi o conhecimento dos fenômenos da vida do globo que lhe permitiu reivindicar para o Homem o direito absoluto à liberdade” (p. 12), afirma Vincent.

Reclus dizia que “o livro *Terra* eu comecei há 15 anos, não no silêncio do gabinete, mas na livre natureza, na Irlanda” (p.79). As descri-

ções dos tipos humanos mostravam interesse pela beleza da variedade dos corpos de homens e mulheres. As experiências sensoriais com os elementos da natureza o levaram para um elogio da nudez dos corpos e para o sexo sem pecado. Reclus reconhecia que “o desejo do corpo do outro é natural entre os seres humanos, desde que não signifique posse ou escravidão” (p. 102).

O sensorial e sensual geógrafo retirava da interação com os seres vivos e coisas a experiência da liberdade e também a vontade de conhecer, não para dominar, mas para vivenciar o ambiente com prazer e intensidade, tanto no seu aspecto de suporte material para o corpo, quanto no aspecto estético. Em Reclus, tanto no momento da pesquisa, quanto na escrita, a ciência sabia se fazer prazerosa.

A vida ao ar livre era decisiva para o próprio pensamento. “A caminhada e a natação tinham uma mesma função cheia de júbilo em Élisée. Os dois elementos, terra e água, se confundiam na experiência do corpo. É a presença constante desse último que permitiu Élisée falar de *geografia sensível*” (p. 191).

Podemos encontrar aqui outro menino ensaiando os primeiros passos

às margens do rio Dordogne. Agora é Jean Didier Vincent, também nascido e criado em Sainte Foy La Grande, recuperando as lembranças dos banhos de rio e andanças pelos bosques da Gironda, 100 anos depois de Élisée. Vincent se explica: “O biógrafo tem o dever de ser reservado em relação à própria vida. Mas como não se comunicar com meu herói em nosso amor compartilhado por nossa bela Dordogne?” (p.190). Ele se recorda de que, no colégio dirigido por protestantes onde estudou, próximo a Sainte-Foy, às margens do rio,

durante o verão, era permitido nadar ao meio-dia; lembrança similar à de Reclus sobre seu próprio tempo de escola (pp.190-191). Mas, comenta nostálgico: “Uma tal liberdade seria inconcebível nos dias de hoje.”

“[A Élisée Reclus] uma nova vida foi prometida: uma imortalidade que se manifesta no coração dos outros” — essa é a frase final do livro, cuja leitura leva a concluir que uma nova vida para Reclus “nos dias de hoje” passa longe de homenagens em placas de rua, mas se encontra na coragem de andarilhos livres.